

O CABRA-MACHO COMO SIGNO DE VALENTIA E VIOLÊNCIA

Kelly Cordeiro Antas¹

Paulo Cesar Souza Garcia²

Resumo: O presente estudo realiza uma breve pesquisa sobre a identidade do homem sertanejo, do surgimento da sua representação através da figura do chamado *cabra-macho*, tal como sendo a figura de um homem forte, rude, trabalhador, honesto, mas sobretudo violento. Percebemos que esta figura que está construída em nosso imaginário se apresenta tal qual como a um cangaceiro, com vestes típicas, chapéu de couro, faca embainhada na cintura e expressões faciais fortes e sérias. Notamos que a identidade do sertanejo foi construída a partir de um ponto de vista telúrico, pois as características da terra se confundem com as características do próprio povo; e como a terra sertaneja é seca, pouco produtiva, áspera, com vegetação escassa, este homem também se torna caracterizado como um ser de atributos rústicos, fortes, porém, secos e áspers. Entendemos a importância da simbologia, dos significados que influenciam a construção da identidade dos povos e os reflexos diretos na cultura dos mesmos. Para esta observação utilizamos conceitos semióticos e semiológicos e autores, a exemplo de Ferdinand Saussure, Stuart Hall e o historiador contemporâneo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, entre outros, além de conceitos da sociologia e história. Ao final, observamos que a formação da identidade de um povo é também, e fortemente, influenciada por

¹ Advogada, Professora da UNEB Campus VIII e doutoranda em Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) | Departamento de Linguística, Literatura e Artes — Campus Avançado de Canudos-BA, inserido na linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de vida, sob a orientação do Professor Dr. Paulo César Souza Garcia. Integrante do Grupo de Pesquisa Língua(gem) e Crítica Cultural (UNEB). E-mail: kantas@uneb.br.

² Coautor-Paulo Cesar Souza Garcia-Doutor em Literatura (UFSC) e professor de Licenciatura em Letras na área de Estudos Literários e do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia / Departamento de Linguística, Literatura e Artes | Dllartes-Campus IIUNEB. E-mail: pgarcia@uneb.br.

fatores externos, pois a forma com que os outros nos veem é determinante para a forma como nós próprios nos identificamos.

Palavras-Chave: Sertanejo. *Cabra-macho*. Identidade. Terra. Sertão.

INTRODUÇÃO

Entender quem somos e por que assim somos não é tarefa simples, mas é um questionamento comumente realizado por nós em algum momento de nossas vidas, podendo até mesmo se tornar o objetivo da vida de algumas pessoas.

Embora de resposta complexa, certamente existe explicação para este questionamento, pois quem somos é principalmente o resultado de uma construção constante que deriva de alguns fatores externos ao sujeito, tais como lugar, época, cultura, religião, e também de alguns fatores internos como traumas, personalidade, gostos, percepções, formação, etc.

Assim, o que somos e o que significamos, é principalmente o resultado de uma relação entre nós e o mundo em que vivemos, relação esta que pode apresentar variações das mais diversas possíveis, por isso nunca somos uma só pessoa em relação a tudo, e nem tão pouco temos o mesmo significado (importância) para as variadas pessoas. E justamente por sermos pessoas, tudo é subjetivo, cada significado é único e construído pela relação entre nós e os outros, e depende de cada tempo e lugar. Depende do que nos influencia, de como significamos as coisas, do que sentimos e que tipo de relação mantemos, e o certo é que o que significamos para uns já não é o que significamos para outros.

Obviamente, dependendo do critério, o que somos pode ter uma classificação mais objetiva, como por exemplo: somos brasileiros, somos nordestinos ou somos cristãos, ou uma

classificação levando em conta critérios mais subjetivos e individuais, como por exemplo: ser engraçado, ser calmo, ser destro, ser pintor.

Estamos em um país que possui uma extensão territorial gigantesca, diferentes regiões e muitas religiões, vários povos, imensa diversidade cultural, etnias, crenças e costumes diversos, em que muitas variações contribuem para sermos o que somos e por isso quando perguntamos quem somos nós, enquanto pluralidade, enquanto povo, mesmo que de uma forma mais objetiva, ainda assim é complexo descrever esta identidade, pois a construção de uma identidade é sobretudo baseada na cultura de um povo:

Se aceitamos que é principalmente nas culturas nacionais que se constrói uma identidade cultural (HALL, 2000), então qual a identidade cultural do brasileiro se não se localizarem nela as ‘marcas’ da pluralidade étnica, cultural e, particularmente, linguística? Somos brasileiros, mas o que isso realmente significa? Em outros termos, o que nos identifica como pertencentes a uma ‘nação brasileira’? Hall diz que ‘as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas no interior da *representação*’ (2000, p. 48), afirmação com a qual concordamos, e continua deste modo: As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (GÓIS; MARTINS, 2019, p. 51).

Por isso, nós somos frutos daquilo que nos aconteceu, somos o resultado de uma história e de histórias, e assim, ainda pensando sobre quem somos, embora saindo um pouco desta ideia individualista/subjetiva (a qual a intenção era apenas despertar a ideia do: quem somos nós?), passemos então a tratar sobre o nosso objeto de interesse, qual seja a figura do *homem sertanejo*, este que

vive nesta região específica do país — o sertão, interior nordestino — buscando uma compreensão sobre o que é ser um *cabra-macho*, o que esta figura significa, o que ele representa.

Assim, em meio a esta multiculturalidade e amplitude territorial, estão os sertanejos, os *cabras-machos*, que como todos os povos, contém suas particularidades, características, contexto, influências, ou seja, eles possuem uma identidade, um significado, sendo a análise desta o que ora nos interessa.

QUEM OU O QUE É O CABRA-MACHO

Inicialmente, importante ressaltar que a região nordeste é considerada uma região seca, que sofre com períodos de estiagem devido à sua localização equatorial, seu relevo e pouca formação de massas de ar, e muito embora seja uma região bastante produtiva, existem registros de grandes períodos de escassez de chuvas, comparado ao restante do país. Estas épocas de seca estigmatizaram o nordeste, que no imaginário do restante do país (inclusive de quem mora no litoral do nordeste) é considerada uma região em que só há dor e sofrimento, o que é causado especialmente pela divulgação repetida de algumas imagens, a exemplo da típica ossada da cabeça de um boi, pessoas sujas e queimadas pelo sol, casas de taipa, vegetação escassa, enfim, uma imagem que retrata, sim, algumas localidades em algumas épocas, mas, com certeza não retrata de fato como o nordeste é, e segundo estudo realizado por Ab'sáber (2005) este identifica esta estigmatização baseada em fatos inverídicos:

Das velhas e repetitivas noções do ensino médio-herdadas um pouco portados nós-restaram observações pontuais e desconexas sobre o universo físico e ecológico do Nordeste seco. Sua região interiorana sempre foi apresentada como a terra das chapadas, dotada de solos pobres e

extensivamente gretados, habitada por agrupamentos humanos improdutivos, populações seminômades corridas pelas secas, permanentemente maltratadas pelas forças de uma natureza perversa. Muitas dessas afirmativas, como ver-se-á, são inverídicas e, sobretudo, fora de escala, constituindo o enunciado de fatos heterogêneos e desconexos, por um processo de aproximações incompletas.

Parte deste nordeste sofrido localiza-se no interior desta região e é chamado de Sertão, que é de fato o lugar mais seco, mais desértico, já que em sua costa litorânea é muito rico e admirado por suas belas praias e cidades mais desenvolvidas, além de possuir mata atlântica em toda sua extensão. O sertão é então a denominação para a parte central do Nordeste, o interior, sendo assim reconhecido geograficamente, englobando grande parte dos Estados nordestinos, localizado entre o agreste e o meio norte e é uma das regiões semiáridas mais povoadas entre todas as terras secas existentes nos trópicos ou entre os trópicos (AB'SÁBER, 2005).

É então neste sertão que surge a figura do *cabra-macho*, que é um homem diretamente relacionado à sua terra, pois não é um nordestino qualquer, mas sobretudo um nordestino sertanejo, interiorano, sobrevivente das mazelas deste lugar. Muitas são as versões para o surgimento da palavra Sertão, sendo majoritário o entendimento que a palavra está sempre relacionada a interior, local pouco povoado, e como já dissemos, para a nossa geografia, o sertão é mesmo essa região central do nordeste brasileiro, onde as demais conotações surgem na nossa literatura, a partir desse território de seca, de aridez, como vem denominado por Euclides da Cunha, na sua obra intitulada *Os Sertões*:

É uma paragem impressionadora. As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevivendo, de súbito,

depois das insolações demoradas e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as filades e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal coberto por uma flora tolhiça — dispondo-seem cenários em que ressalta, predominante, o aspecto atormentado das paisagens (CUNHA, 2016, p. 48).

Assim, percebemos que o sertanejo é geralmente visto sob um ponto de vista telúrico, em que as características da terra acabam sendo também as características do próprio povo e como a terra sertaneja é seca, pouco produtiva, áspera, com vegetação escassa, este homem também se torna caracterizado como um ser de atributos rústicos, fortes, porém, secos.

Partindo para uma análise linguística e seguindo a linha de pensamento de Ferdinand Saussure (2012), um dos fatores mais relevantes para a identificação cultural de um povo é a língua, ou seja, é através da forma de comunicação entre as pessoas de um grupo, dos significados atribuídos e dos valores dados às coisas que conseguimos delimitar um povo (enquanto modos de cultura), pois a língua é uma instituição social, um sistema que exprime ideias e por isso também um sistema de valores.

É a questão do significante e do significado: devido ao fato de o Nordeste ser visto como um lugar seco, de dor e fome, o homem sertanejo, que aqui reside acaba sendo visto como um homem também sofrido, embora viril e resistente, pois é um fruto dessa terra, com as mesmas características e como no ensina Saussure (2012, p. 109):

O símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo.

Assim, quando falamos em *cabra-macho*, nos vem a imagem de um homem moreno, de estatura média, bronzeado pelo sol, com roupas em tons de marrom ou de couro, com faca embainhada na cintura, com chapéu de couro e expressões faciais sériase entristecidas, e nunca nos surge no imaginário a imagem de um homem loiro, alto, de olhos azuis, de terno e gravata e sorridente. E quando Saussure afirma que o signo é arbitrário, não devemos imaginar que esta arbitrariedade é de livre escolha, mas que sim deriva de uma construção de ideias, de histórias, de relações, porém, o que ele quer dizer é que o significante é imotivado, ou seja “é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (SAUSSURE, 2012, p. 109), mas há sim uma relação construída.

Podemos também complementar que a imagem que temos perante os outros, o nosso significado, vem de uma formação realizada a partir de conceitos antagônicos, a partir também do que não somos, ou seja, para que se tenha a ideia do que somos é preciso que comparemos ao que não somos, pois para ele o valor do significado é relacionado por semelhança, mas, sobretudo também por diferença. Embora pareça um tanto quanto confuso, o que se diz aqui é que a imagem do *cabra-macho* é também conceituada por tudo o que ele não é, pois é o inverso do que é feminino, do que é frágil, do que é delicado, enfatizando-se o seu oposto.

Seguindo esta linha, nos deixa claro um trecho do livro *Os Sertões*, em que ocorre uma comparação entre o jagunço e o gaúcho, deixando bem explicitado a conceituação do sertanejo *cabra-macho* e a de um sulista, trazendo esta ideia de contradição e comparação:

O gaúcho do Sul, ao encontrá-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado. O vaqueiro do Norte é a sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole e nos hábitos não há equipará-los. O primeiro, filhodos plainos sem-fins, afeito às correrias fáceis dos pampas e adaptado a uma natureza

carinhosa que o encanta, tem certo, feição mais cavalheirosa e atraente. A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem dos sertões do Norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsiccada. Não o entristecem as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adusão dos sóis bravios do equador” (CUNHA, 2016, p. 135).

Colaborando com essa ideia, na obra *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2012) afirma que os conceitos e significados são construídos através de um princípio paradoxal, constituído de uma coisa dessemelhante e de uma coisa semelhante, onde estes dois fatores são necessários para a existência de um valor:

Seu valor não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser ‘trocada’ por este ou aquele conceito, isto é, que tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, com palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação, como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente (SAUSSURE, 2012, p. 102).

Partindo desta premissa, seria então o homem sertanejo, assim significado em contrapartida com o homem sulista, ou homem europeu, ou seja, também podemos identificar algo através de conceitos antagônicos, pois conseguimos caracterizar o cabra-macho como sendo o oposto à fragilidade, à fraqueza, e para Fiorin e Flores, em estudo sobre Saussure, citando Ducrot afirma que:

No entender de Ducrot, no capítulo sobre *o valor*, Saussure trouxe para a linguagem o que Platão disse sobre a alteridade ao tratar das categorias da realidade. Diz Ducrot (2009:11): ‘O valor de uma palavra é o que a opõe às outras. Indo mais longe, é o de se opor às outras. Seu ser é ser o

outro'. Estaria mostrando isso o fato de que uma função fundamental na linguagem é a da *intersubjetividade*, explicada do seguinte modo: 'É o lugar onde os indivíduos se confrontam, o lugar onde encontro outrem [...], esse outro que me constitui a mim mesmo, porque é somente através dele que posso me ver e é através do seu reconhecimento que posso me conhecer' (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2020, p. 167).

Nesta linha de pensamento podemos afirmar que são conceitos que derivam também de uma construção através do que os outros pensam que somos e como nos comparam a eles é a chamada "outridade", conceito trazido por Mikhail Bakhtin, que acaba sendo de grande importância na formação da nossa identidade, pois é através do olhar do outro que nos vemos, é o contato com o outro que nos permite o contato com o "eu-individual", contribuindo assim para o que somos.

Retomando ao objeto de estudo, o denominado *cabra macho*, este homem com raízes sertanejas e costumes específicos da região nordestina, possui uma masculinidade agressiva, violenta, rude, porém e sobretudo, é também um homem honrado, admirado e respeitado por sua comunidade de pertença. É assim que se criou um significado no nosso imaginário, um signo. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013), este tipo regional assim descrito surge na década de 1920 e idealizado inicialmente pela elite nordestina, que também buscava a sua identidade devido a fatores políticos, a nova organização nacional, e foi assim reafirmado pelos "sulistas", criando-se então esta figura que está em nosso imaginário e que inclusive muito se assemelha a imagem do cangaceiro:

Será definido, acima de tudo, como uma reserva da virilidade, um tipo masculino, um macho exacerbado, que luta contra as mudanças sociais que estariam levando à feminização da sociedade (ALBUQUERQUE Jr., 2013, p. 208).

O surgimento desta “identidade”, ou como podemos dizer do significado deste termo relacionado a este homem sertanejo é formado a partir de uma construção social, com base em um imaginário recheado de signos, de valores, de propósitos, inclusive de cunho político. Como dissemos, a figura do homem sertanejo, e também denominado *cabra-macho*, é sobretudo estigmatizada pelas dificuldades naturais e socioeconômicas da própria região, além de também existir uma violência arraigada à sua imagem, que é uma violência naturalizada socialmente, aceita pelos seus pares, como sendo uma característica positiva, que permeia e orna com as demais, e ainda como o citado autoraponta,

O banditismo ou o cangaço é também outro tema que, eleito pelo ‘discurso do Norte’ para atestar as consequências perigosas das secas e da falta de investimentos do Estado na região, de sua não modernização, adquire uma conotação pejorativa que vai marcar o nortista ou o nordestino com o estigma da violência da selvageria (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 102).

Desta forma, a criação desta imagem está intimamente relacionada às condições geográficas do sertão, que além das características já citadas, também apontam para um homem de pouca produção intelectual, surgindo um *cabra-macho*, rude, pouco estudado e como sendo uma espécie de “consolo” para tanta desgraça se começa a dizer que ao menos o sertanejo é corajoso, homem honrado, como afirma Brilhante (*et al.*, 2017, p. 17): “O Sertão passou a sintetizar a imagética de um novo e único Nordeste, em perene estado de calamidade, ignorando a diversidade geográfica e climática da Região”, onde Albuquerque Júnior reafirma que:

O Nordeste dos homens que sempre passam pelo território alheio, que ganham o mundo, que são quase bichos, que possuem gestos hereditários, automáticos e só se dão bem

com os animais. Homens submissos a Deus, à natureza, ao patrão e ao governo. Homens devorados por uma sociedade, em que eram impotentes para mudá-la. Sociedade em que a idade das mulheres se conta pelo número de filhos. *Terra braba, terra de tiro e de morte, onde se faz aposta para ver de que lado o morto cairá e atira-se para ganhar a aposta.* Espaço tecido de aventuras, nas páginas dos á-bê-cês. Nordeste, ficção dos pobres. Local das lembranças de submissão ao senhor branco e dos negros que sonhavam com a mãe África (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 225 grifo nosso).

É assim a definição do *cabra-macho* em nossa literatura, homem comparado a um animal, que vive em uma terra de “tiro e de morte”, porém, “homens submissos à Deus, a natureza, ao patrão e ao governo”.

Partindo para uma análise etimológica do termo *cabra-macho*, sabe-se que há mais de uma versão para sua origem, existindo relatos datados de 1914, em obras que tratam sobre o Cariri Cearense, em que já aparecia o termo *Cabra* referindo-se a homens que formavam tropas policiais, ou a homens que faziam a segurança dos políticos, mas já mencionando a ideia de homens de luta, soldados. Porém, o termo nos parece ainda mais antigo, e nesta pesquisa realizada por Ana Sara Ribeiro Parente Cortez, a mesma constata que inicialmente o termo teve uma relação com a cor da pele dos homens, pois alguns resultados de sua pesquisa indicavam esta palavra relacionadas aos negros, mulatos, brancos e cabras, referindo-se a uma espécie de raça/etnia, ao tempo em que verifica que anos após este conceito se amolda e passa a ter uma significação mais social e no caso dos *cabras*, a estes eram atribuído um valor negativo, uma incredibilidade:

[...] a referência ao cabra, no restante do século XIX, foi pautada por uma construção ainda mais pejorativa, partindo não apenas de uma ordem psicológica, mas também social. No jornal O Araripe, veiculado na região sul Cearense, entre os anos de 1855 a 1864, o termo foi invariavelmente

apresentado para designar homens sem valor social, de tendência violenta e pessoas que perderam, ou não tinham, credibilidade (CORTEZ, 2015).

Encontra-se, não raras vezes na literatura brasileira, desde o final do século XIX, a expressão *Cabra, Cabra-Macho, Cabra da Peste* que aparecem sempre relacionadas à imagem de um homem com alguma característica relativa à dureza, aspereza, rigidez e violência, inclusive há um dito popular antigo, de autoria desconhecida que afirma: “não há doce ruim e nem cabra bom”, referindo-se mais uma vez o termo cabra a um homem violento, mau.

Porém, foi em 1971 que oficialmente, através de uma lei que sanciona novas regrortográficas e reconhece novos significados da língua portuguesa, a Lei 5.765 de 18 de dezembro de 1971, onde a palavra “cabra” se refere diretamente à homem, e não mais sóa animal, sendo assim formalmente registrado o “novo” significado da palavra que surgirá há quase um século para denominar homens sertanejos, ligados à terra, ao trabalho, à violência.

Então, a partir do início do século XX já possuímos uma significação para o *Cabra-macho* semelhante à que temos nos dias de hoje, e de forma diacrônica podemos afirmar que não houve grandes mudanças, ou seja, se trata mesmo de um homem sertanejo, valente, correto e muitas vezes violento.

Trazendo então um conceito mais atual, embora de uma forma mais popular, fizemos uma busca através de pesquisa no Dicionário Informal (<https://www.dicionarioinformal.com.br/cabra-macho/>) acessível através da rede mundial de computadores e encontramos o seguinte significado:

— Substantivo singular masculino, origem do Nordeste significado para: valentão; homem forte; corajoso; masculino.

— Na verdade, o cabra-macho é o caba macho, caba de caboclo!

— Sinônimos de cabra-macho: cabra-da- peste, valente, muito macho, corajoso, destemido.

— Antônimos de cabra-macho: baitola, boiola, baitolo, covarde, medroso.

Palavras relacionadas a cabra-macho: macho, valente, força, ignorante, homossexual, homem, sexo masculino.

(disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/cabra-macho/>).

Como vimos no dicionário informal, popular, com acesso facilmente encontrado no site *google* de pesquisa, o termo *cabra-macho* está diretamente ligado à figura do homem em um cenário total de patriarcado, de machismo, de virilidade, de valentia, de coragem; ao passo que, como antônimo, se tem a figura do covarde, medroso, inclusive o “baitola”, referindo-se também este termo à sexualidade, onde o *cabra-macho* seria o homem hétero.

A masculinidade no sentido da heterossexualidade é também característica determinante deste sujeito, embora, em discussões mais atuais, podemos afirmar que há pesquisas no sentido do reconhecimento da figura do *cabra-macho* mesmo que sendo homossexual, onde já teríamos uma significação mais moderna e inovadora, em que se definem que existem gays que se apresentam socialmente como *cabras-machos*, sobretudo por serem valentões, destemidos, manterem a aparência e trejeitos masculinos, muito embora mantenham relações sexuais e amorosas com outros homens. Ou seja, atualmente já se entende que o *cabra-macho* não é necessariamente significado de heterossexualidade, mas, sobretudo, por sua valentia, sua resistência e violência, assunto para ser estudado em outro momento.

Essa significação do *cabra macho* nos remonta a uma imagem criada, como de fato são os signos, em que imediatamente ao falarmos neste termo já imaginamos este homem sertanejo, já

nos vem à memória essa imagem deste homem cangaceiro. Assim oé porque os signos se relacionam com outros e sempre dentro de um contexto, sempre dentro de um discurso que possui uma categorização,

Se os signos da língua, isto é, conceitos revestidos de forma linguística, são dotados das propriedades de significar e de se relacionar com outrossignos, então os signos da língua, por sua própria natureza, contém neles o discurso (BARBISAN, 2020, p. 164).

Semiologicamente, o termo *Cabra-Macho*, de imediato, já nos remete a uma imagem derivada do som produzido, que nos leva ao significante, e como já citamos, qual seja um homem de chapéu, com roupas de couro, botas, com faca na cintura, expressão facial enraivecida. Assim, de forma diacrônica vimos que a evolução do termo, ou seja, do significante tem seguido a mesma linha, mantendo a significação antiga como conceito atual.

De forma arbitrária, muito embora ainda relacionada ao termo “cabra” — fêmea do bode, animal resistente à seca, sobrevivente as dificuldades — ligou-se o “cabra” ao homem também resistente às dificuldades, pois, conforme Bakhtin, toda fala e todosignificado tem um contexto, as expressões não são vazias.

Fiorin (2020), ao estudar Saussure, diz que a linguagem contém uma característica e uma função, capazes de determinar nossa maneira de perceber e conceber a realidade e impõe a nós uma visão de mundo. A imagem criada do homem sertanejo, através da literatura do início do século, e em especial criada pela elite sulista, que acabou como sendo um molde, já que a língua e a comunicação têm o poder de desenhar o mundo a sua maneira. Com a ajuda da linguagem, podem ser organizados, formulados e comunicados os diversos mundos de nossa vivência, pois a

linguagem é condição necessária e o meio mais importante de qualquer interação.

Nessa mesma linha de raciocínio, mas trazendo um outro viés, Stuart Hall afirma que as identidades são produzidas nos discursos culturais, ou seja, a cultura da qual fazemos parte determina a forma como vemos, explicamos e compreendemos o mundo. Hall explica que o significado de um símbolo cultural, como temos o *cabra-macho*, é atribuído em parte pelo campo social a qual está inserido e pelas práticas as quais se articula, importando mesmo o “jogo das relações culturais”, sendo direto ao afirmar que o que conta mesmo é a luta de classes na cultura ou em torno dela. Nessa linha de pensamento defende Albuquerque Júnior, que o nordestino/sertanejo foi criado pela elite nordestina por motivos políticos e econômicos, pois havia a necessidade de uma regionalização para a união dos Estados e a criação de uma força para se defenderem e representarem, junto ao Governo Federal, inclusive com uma certa união do cangaço com as forças locais, para que houvesse essa imposição de força.

Houve na década de 1930 um movimento regionalista aqui no nordeste, onde pensadores, escritores e políticos viram a necessidade de se parar de “imitar” e valorizar a cultura sulista, onde havia a necessidade de aceitação e afirmação da própria identidade nordestina, o que ocorreu com maior visibilidade por volta dos anos 1930, com a publicação das obras da sociologia nacional, como por exemplo as obras de Gilberto Freyre, tentando-se claramente afirmar o nordestino como um novo tipo regional brasileiro, conforme apresenta Albuquerque Júnior (2013, pág. 146):

O nordestino será inventado, será definido em seus traços físicos e psicológicos, em grande medida, pela produção cultural e artística vinculada a este movimento. [...] É justamente neste período, que vai de 1924 a 1930, que intensificam as discussões em torno do homem nordestino,

das definições de suas características antropológicas, etnográficas, culturais etc. O tipo nordestino começa a se definir mais claramente a partir desta militância regionalista e tradicionalista. Este será definido, portanto, como um tipo tradicional, um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo. Um passado patriarcal, que parecia ser substituído por uma sociedade ‘matriarcal’, efeminada. O nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 150).

A necessidade da criação desta figura era no intuito de garantir predominância econômica e política, resgatando o patriarcalismo como meio de ordem social, um conservadorismo como uma reação à modernidade, sendo assim criado um “macho por excelência”, como diria Albuquerque Júnior, uma reação viral à passividade que o Nordeste e sua elite vinham apresentando. De acordo com estas explicações este sertanejo *cabra macho* é tido no imagináriopopular sempre relacionado à figura do cangaceiro, do homem que anda com a faca na cintura, com o chapéu de couro, que fala grosso (e abomina qualquer forma de feminilidade), pois sua maior riqueza é de fato a sua masculinidade:

Reiterando a imagem de um Nordeste rude, áspero e violento, estruturou-se a identidade do homem nordestino. Internalizando inteiramente as características da terra, esse homem tornou-se hostil, árido e seco. A violência tornou-se um forte constituinte da sua subjetividade, forjada diante de uma situação sociopolítica específica, baseada e perpetuada pelos princípios do patriarcado (BRILHANTE *et al.*, 2018, p. 2).

Este estereótipo imaginário construído e reproduzido ao longo de décadas possui atitudes e subjetividades que se contrapõem, por vezes, com alguns valores e proibições defendidas atualmente pela comunidade acadêmica e pelo ordenamento jurídico penal. Conceitos como o de moral e o de legalidade são fundamentais para o entendimento da identidade, pois a cultura do homem médio sertanejo, em especial do rural, do *cabra macho*, pois ao tempo em que é violento, também é bastante honrado, sério e que tem palavra, desta forma que ele foi sobretudo, idealizado.

Porém, há de pensarmos em cada cultura separadamente, e o que é o significado de moral, de legal, pois, como já pensava Nietzsche (1999), a moral depende muito da origem e do conceito de bom, assim considerando-se que o homem sertanejo é naturalmente (embora violento) uma figura aplaudida em seu meio:

O caráter tosco da sua genealogia da moral se evidencia já no início, quando se trata de investigar a origem do conceito e do juízo 'bom'. 'Originalmente' — assim eles decretam — as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis; mais tarde foi esquecida essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido costumeiramente tidas como boas, foram também sentidas como boas-como se em si fossem algo bom (NIETZSCHE, 1999, p. 7).

Ponto importante sobre o que se refere à cultura sertaneja e ao *cabra-macho* é de que há uma naturalização desta violência praticada em razão da honra, dos costumes, da valentia, uma aceitação e até mesmo uma valorização. Imenso é o estudo que trata sobre os elementos discursivos que integram esta naturalização da violência praticada pelo *cabra-macho*, porém, teríamos que aqui utilizar de conceitos e interpretações jurídicas e

especialmente criminológicas para analisarmos o porquê desta aceitação, e estes são os próximos passos do nosso estudo, entender sobre a naturalização desta violência.

A vida material, cultural e política do homem em cada sociedade exige processos de construção de valores, normas e padrões de condutas, complexo que definimos como ética. Para Pequeno (2003, p. 19), “a ética é a morada do homem [...] significa ‘modo de ser’ ou ‘caráter’”. A qualidade dos modos de vida significa sobre as pessoas, suas crenças e costumes. Aprendemos ao longo da vida através das virtudes compartilhadas e dos valores experienciados nas convivências pessoais e coletivas. E, de fato, é assim o homem sertanejo: sobretudo um homem de valores. Porém, o mundo é dinâmico, e valores podem e são alterados ao longo dos tempos.

Na historiografia e sociologia regional, na literatura popular e erudita, na música, no teatro, nas declarações públicas de suas autoridades, o nordestino é produzido como uma figura de atributos masculinos. Mesmo em seus defeitos é com um universo de imagens, símbolos e códigos que definem a masculinidade em nossa sociedade, assim, o cabra-macho é o exemplo de homem brasileiro, corajoso, sofrido, mas, forte, resistente, e também violento.

CONCLUSÃO

Como vimos, a formação da identidade de uma pessoa ou de um povo é um processo complexo e nunca acabado, pois, por mais que tenhamos uma referência, uma identificação, ela pode ser transformada, adaptada a novos tempos ou novas realidades, inclusive ela pode ser criada de forma proposital, muito embora seja comum a manutenção de certas características.

Ao tentarmos analisar brevemente a formação da identidade e as características do homem sertanejo, o *cabra-macho*, percebemos que esta denominação é geralmente conotativa positiva, muito embora por vezes seja interpretado de forma pejorativa, dependendo do contexto. De maneira geral o *cabra-macho* possui mais qualidades positivas do que negativas, considerando-se sua força, sua resistência às dificuldades impostas pela terra, pela seca, muito embora por trás disso tenha um homem de pouco estudo, em geral pobre e violento.

Entretanto, em uma análise mais aprofundada podemos também perceber que esta identificação desse sertanejo como sendo um *cabra-macho* possui forte influência externa, alheia a este próprio homem, que embora aceite esta denominação e se identifique com ela, podemos constar que não foi o caso de uma auto intitulação pelo próprio sertanejo, mas foi uma conceituação imposta por outras pessoas, com outros interesses, pois, em algumas passagens históricas percebemos que foi uma caracterização mais com uma tendência para uma caricaturização, tendo sido enfatizados aspectos não tão condizentes com a realidade, mas sobretudo exagerados e assim incutidos no imaginário brasileiro. Para Albuquerque Júnior (2013, p. 153), “seja por motivos eugênicos, telúricos ou histórico-culturais, o nordestino é definido como cabra macho, é um cabra da peste, homem de fibra, uma reserva da virilidade nacional”. Assim, temos que atualmente o que se reconhece, o que se identifica, ou significa por cabra macho é o homem sertanejo, valente, de pouco estudo, trabalhador, forte, porém honrado, de palavra e por vezes violento e geralmente machista.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo” — uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros)
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- AB'SÁBER, Aziz Nacib. *Sertões esertanejos: uma geografia humana sofrida*. Publicação nesta coleção, 12 de maio de 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/SJtzrMvDKVPTZ7svpZzFWJM/?lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- BRILHANTE, Aline Veras Moraes; Silva; Juliana Guimarães e; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; Barros, Nelson Filice de; CATRIB, Ana Maria Fontenelle. Construção do estereótipo do “macho nordestino” nas letras de forró no Nordeste brasileiro. *Interface*, Botucatu, v. 22, n. 64, p. 13-18, maio 2017. DOI 10.1590/1807-57622016.0286.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2016 – Ed. Especial.
- IRFFI, Ana Sara Ribeiro Parente Cortez. *Não existe doce ruim, nem cabra bom — a invenção de um conceito para os trabalhadores do Cariri Cearense, século XIX*. In: SIMPOSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28, 2015, Florianópolis. Anais. Florianópolis: ANPUH, 2015.
- FIORIN, José Luiz. Reflexões para o estabelecimento de uma política para as Humanidades. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 4, p. 301-321, 1998. DOI 10.18309/anp.v1i4.293.
- FIORIN, José Luiz, FLORES, Valdir do Nascimento, BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: A Invenção da Linguística*. 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2020.
- GÓIS, Marcos L.S., MARTINS, Andérbio Márcio Silva. *O tupi antigo no português: algumas questões sobre história, identidade e Ensino de linguagem*. Revista Scielo Brasil. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/GyD9BQTZ4bnvqSF4t6LnMdm/?lang=pt#>
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2015.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- PEQUENO, Marconi Pimentel. *Ética e cidadania*. In: ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares (Org.). *Ética e cidadania na escola*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

